

Oecpnews

ENVIRONMENTAL SOLUTIONS JOURNAL
Nº 117 | MAIO | 2026



**O TRABALHO INVISÍVEL
QUE SUSTENTA UM
CAMPO DE GOLFE**

FENOMENO
EL NIÑO

COPA DO MUNDO
E O ALERTA CLIMÁTICO

ÍNDICE

CLIQUE NO BOTÃO VERDE E VEJA A
MATÉRIA DE SUA ESCOLHA!

3 

**O PACÍFICO AQUECE E
O MUNDO OBSERVA**

5 

**O RETORNO DOS
FELINOS À MATA
ATLÂNTICA CARIOCA**

7 

**O TRABALHO INVISÍVEL
QUE SUSTENTA UM
CAMPO DE GOLFE**

9 

**COPA DO MUNDO DE
2026 ACENDE ALERTA
CLIMÁTICO PARA
ATLETAS E TORCEDORES**

13 

**VIII ABERTO CAMPO
OLÍMPICO DE GOLFE
BY GALÁPAGOS CAPITAL**

EXPEDIENTE

Direção: Carla Favoreto e Carlos Favoreto

Co-direção: Felipe Favoreto

Redator: Michele Soares

Edição e Diagramação: Michele Soares

Fotos: Equipe ECP e outras fontes.



REVISTA OFICIAL DA ECP ENVIRONMENTAL SOLUTIONS.
PERIÓDICO FILIADO À ASSOCIAÇÃO NACIONAL E
INTERNACIONAL DE IMPRENSA.

CONHEÇA NOSSA EMPRESA CLICANDO NOS ÍCONES ABAIXO!



Avenida das Américas, nº 3.301
Bloco: 02 Lojas: 120 e 121
Barra Business Center
Barra da Tijuca



Curta a nossa página
no Facebook em:
facebook.com/ECPrío



(021) 2431.2438
(021) 3328.1925



Visite o nosso site em:
www.ecprio.com.br



Conecte-se a nossa rede do
LinkedIn / ECP Environmental
Solutions



Acompanhe o nosso
trabalho em: @ecprio

O TEMPO DAS SEMENTES

Há uma característica curiosa em quase tudo o que realmente transforma o mundo: leva tempo.

Vivemos cercados por resultados. Números, metas, rankings, entregas. Mas, por trás de cada conquista, existe sempre uma fase menos visível. A fase em que nada parece acontecer.

Uma pesquisa científica passa anos dentro de laboratórios antes de chegar às manchetes. Uma árvore precisa de décadas para oferecer sombra. Uma área degradada exige tempo para recuperar sua biodiversidade. Até mesmo uma ideia precisa amadurecer antes de encontrar seu espaço.

Nesta edição da ECP News, muitas das histórias têm algo em comum. Falamos sobre espécies que retornam aos seus habitats, projetos que fortalecem comunidades, iniciativas que aproximam sustentabilidade e desenvolvimento, e pesquisas que apontam caminhos para o futuro.

Nenhuma dessas transformações aconteceu da noite para o dia. Talvez este seja um bom momento para refletirmos sobre o valor da continuidade. Em uma época marcada pela pressa, existe uma sabedoria silenciosa em compreender que os processos mais importantes raramente são imediatos.

Junho chega como uma espécie de fronteira simbólica. Metade do ano já ficou para trás. E, olhando para tudo o que foi construído até aqui, talvez a pergunta mais importante não seja o que já colhemos. Mas o que estamos cultivando.

Porque o futuro, antes de ser resultado, é sempre semente.

Michele Soares
EDITORA

EDITORIAL



O PACÍFICO AQUECE E O MUNDO OBSERVA NOVOS ALERTAS CLIMÁTICOS REACENDEM A PREOCUPAÇÃO COM A FORMAÇÃO DE UM EL NIÑO FORTE NOS PRÓXIMOS MESES

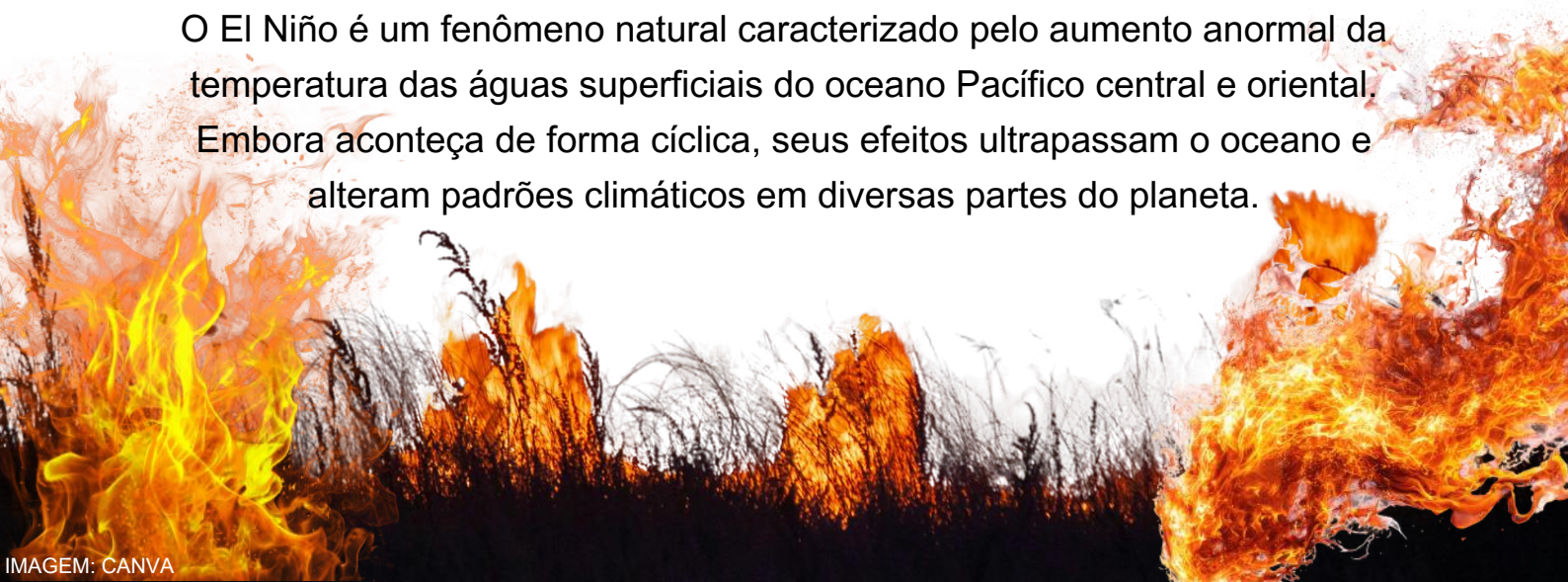
POR: MICHELE SOARES

FONTE: ESTADÃO / O GLOBO

O oceano costuma falar antes das tempestades. Muito antes das enchentes, das secas prolongadas ou das ondas de calor históricas, sinais silenciosos começam a surgir na superfície do Pacífico Equatorial. Em 2026, eles voltaram a chamar a atenção da comunidade científica.

Nas últimas semanas, centros internacionais de monitoramento climático elevaram o nível de alerta para a formação de um novo El Niño. Modelos meteorológicos indicam um aquecimento cada vez mais consistente das águas do Pacífico tropical, reacendendo discussões sobre a possibilidade de um evento de forte intensidade nos próximos meses.

O El Niño é um fenômeno natural caracterizado pelo aumento anormal da temperatura das águas superficiais do oceano Pacífico central e oriental. Embora aconteça de forma cíclica, seus efeitos ultrapassam o oceano e alteram padrões climáticos em diversas partes do planeta.



Chuvas excessivas, estiagens severas, incêndios florestais e recordes de temperatura costumam aparecer entre os impactos associados ao fenômeno.

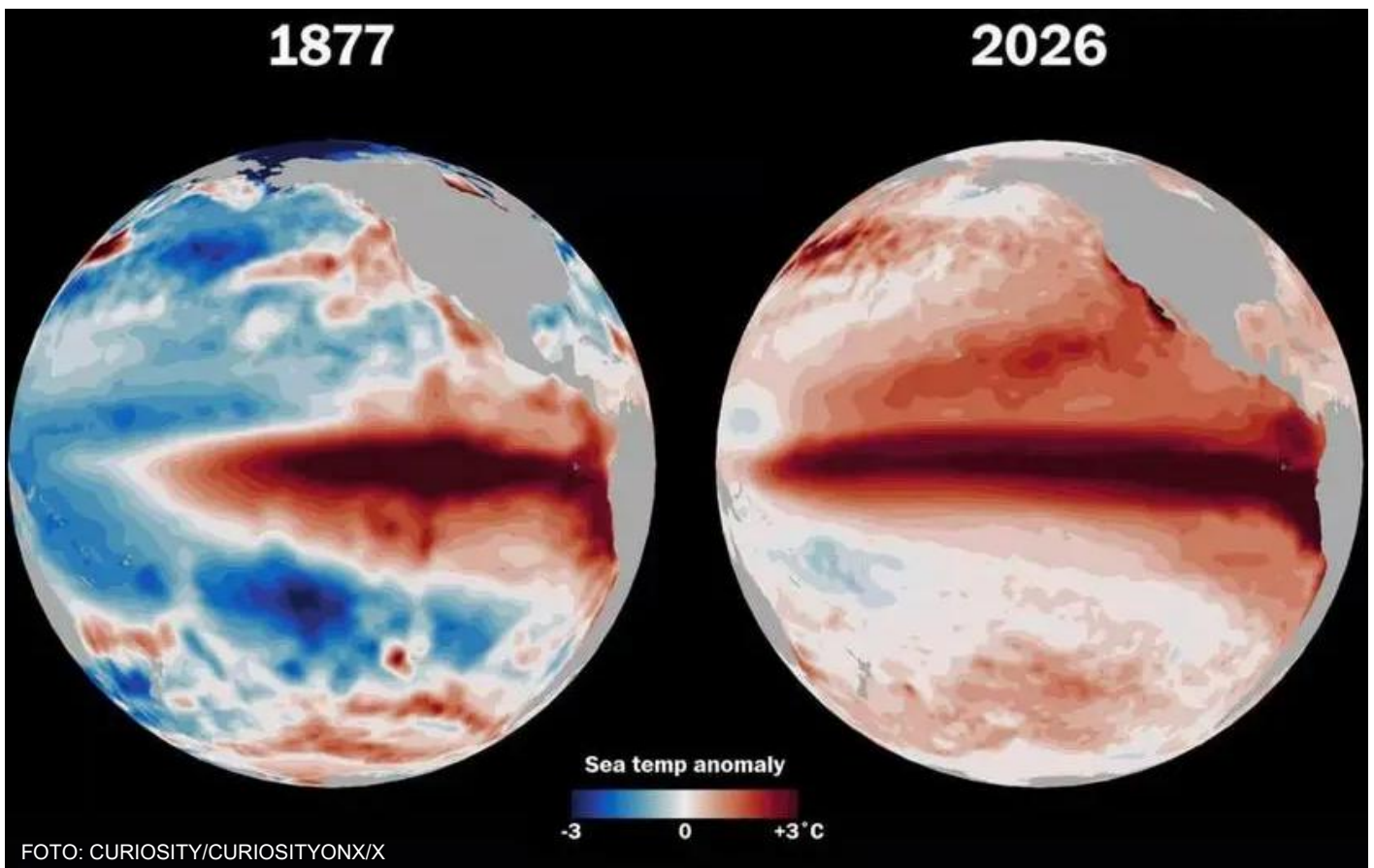


RUA COMPLETAMENTE ALAGADA NO BAIRRO NAVEGANTES, EM PORTO ALEGRE
— FOTO: CARLOS FABAL/AFP/ O GLOBO

Atualmente, instituições como a NOAA e o Cemaden apontam alta probabilidade de consolidação do El Niño ainda no segundo

semestre de 2026. Parte dos modelos climáticos já projeta um aquecimento considerado forte na região conhecida como Niño 3.4, usada internacionalmente como principal indicador para medir a intensidade do evento.

Ainda assim, pesquisadores alertam para a necessidade de cautela. Especialistas lembram que previsões feitas entre março e maio enfrentam maior margem de incerteza, período conhecido na meteorologia como “barreira de previsibilidade”. Isso significa que, embora os sinais sejam relevantes, ainda não é possível afirmar com segurança se o fenômeno atingirá um nível extremo.





A BARRAGEM JAGUARI-JACAREÍ FAZ PARTE DO SISTEMA DE BARRAGENS DA CANTAREIRA DE SÃO PAULO, QUE ABASTECE 46% DA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO, EM DEZEMBRO — FOTO: NELSON ALMEIDA / AFP / O GLOBO

Os possíveis impactos, porém, já preocupam diferentes setores. Um El Niño intenso pode elevar ainda mais a temperatura média global, pressionar a produção agrícola, agravar crises hídricas e aumentar a ocorrência de eventos extremos. No Brasil, historicamente, o fenômeno favorece chuvas mais intensas no Sul e períodos mais secos e quentes no Norte e Nordeste.



O avanço das previsões reforça a importância do planejamento climático. Em meios de aquecimento global e eventos cada vez mais extremos, compreender o comportamento dos oceanos deixou de ser apenas uma questão científica. Tornou-se também uma necessidade estratégica para cidades, governos e setores produtivos que precisarão conviver, cada vez mais, com a instabilidade do clima. ✦

O RETORNO DOS FELINOS À MATA ATLÂNTICA CARIOCA

POR: MICHELE SOARES

FONTE: O GLOBO

**REGISTRO
INÉDITO DO
GATO-DO-MATO-
PEQUENO
REFORÇA
IMPORTÂNCIA
DAS ÁREAS
PROTEGIDAS NO
RIO DE JANEIRO**

Em meio à rotina urbana da Zona Oeste do Rio de Janeiro, um visitante raro reapareceu de forma

quase imperceptível. Pela primeira vez, o gato-do-mato-pequeno, considerado o menor felino selvagem do Brasil e classificado como vulnerável à extinção, foi registrado na vertente Piraquara do Parque Estadual da Pedra Branca, em Realengo. O flagrante representa mais do que um acontecimento curioso: ele funciona como um indicador direto da qualidade ambiental da floresta.



REGISTRO: INEA

O registro faz parte de um levantamento conduzido ao longo dos últimos três anos pelo Instituto Estadual do Ambiente (Inea), em parceria com o Projeto Fauna Transcarioca. Utilizando câmeras camufladas instaladas em pontos estratégicos da trilha, os pesquisadores mapearam a presença de 21 espécies de mamíferos silvestres, incluindo animais raros e ameaçados, como paca, tapiti e cachorro-do-mato.



REGISTRO: INEA

De hábitos noturnos e extremamente discretos, o gato-do-mato-pequeno costuma habitar apenas áreas preservadas e com boa disponibilidade de alimento e abrigo. Sua presença em uma floresta cercada pela cidade reforça a capacidade de recuperação ecológica da Mata Atlântica carioca, mesmo após décadas de pressão urbana, incêndios e desmatamento.

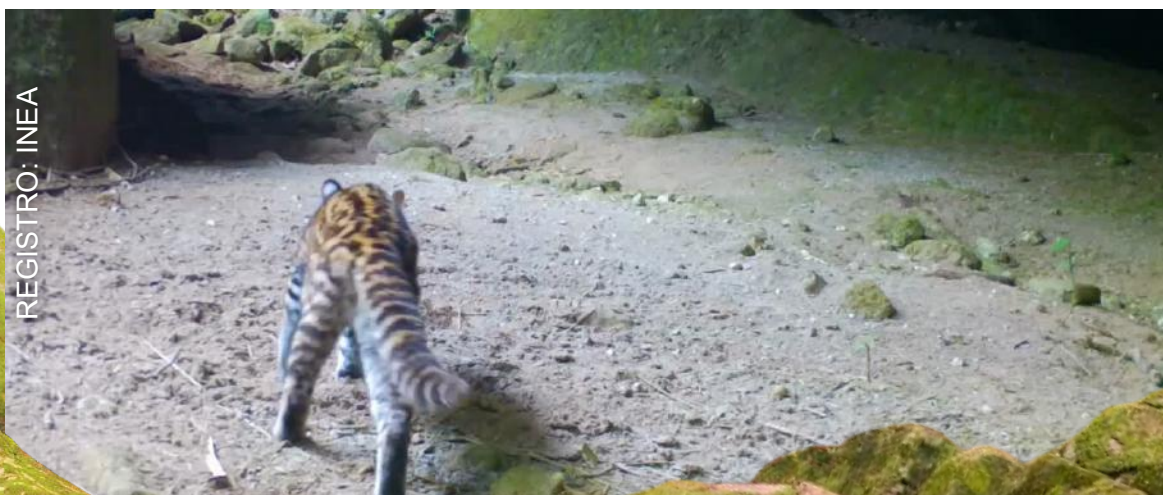
Os pesquisadores destacam que o monitoramento contínuo permite compreender não apenas o comportamento da fauna, mas também os impactos da circulação humana nas trilhas e áreas protegidas. O objetivo é fortalecer estratégias de conservação e ampliar políticas públicas voltadas à preservação da biodiversidade em ambientes urbanos.

Outro registro importante aconteceu no Parque Estadual dos Três Picos, na Região Serrana do Rio, onde câmeras do projeto Aventura Animal também flagraram indivíduos da espécie. Atualmente, entre oito e nove animais são monitorados na unidade, considerada uma das áreas mais importantes de conservação da Mata Atlântica fluminense.



REGISTRO: INEA

Com todas mudanças climáticas, o reaparecimento desses felinos revela que preservar corredores ecológicos e unidades de conservação continua sendo essencial para garantir o equilíbrio ambiental e a sobrevivência de espécies cada vez mais ameaçadas. ✦



REGISTRO: INEA

O TRABALHO *INVISÍVEL* QUE SUSTENTA UM CAMPO DE GOLFE

MUITO ALÉM DO JOGO, A MANUTENÇÃO DE UM CAMPO PROFISSIONAL ENVOLVE CIÊNCIA, MANEJO AMBIENTAL E PLANEJAMENTO DIÁRIO.

POR: MICHELE SOARES



FOTO: ARQUIVO RIO OGC

Quando o primeiro jogador chega ao campo, quase tudo já aconteceu. O corte da grama foi realizado antes do amanhecer, os bunkers foram nivelados, a irrigação ajustada e cada detalhe do percurso revisado por equipes que transformam o cuidado do campo em uma operação técnica de alta precisão.

Em um campo de golfe, nenhuma área recebe o mesmo tratamento. Os greens, onde a bola precisa rolar com extrema precisão, exigem cortes diários e monitoramento constante de umidade, compactação e velocidade. Já os fairways precisam equilibrar resistência e uniformidade, enquanto o rough, com vegetação mais alta, também exerce papel importante na proteção ambiental e no controle natural do terreno.



FOTO: ARQUIVO RIO OGC

Por trás da estética impecável, existe um sistema complexo que reúne engenharia agrônômica, drenagem, irrigação inteligente e manejo fitossanitário. Sensores de umidade, análises laboratoriais do solo e programas específicos de fertilização fazem parte da rotina.

A manutenção vai além da aparência. Ela interfere diretamente no desempenho esportivo, na conservação do solo e no uso responsável dos recursos naturais.



FOTO: ARQUIVO RIO OGC



FOTO: ARQUIVO RIO OGC

Nos campos contemporâneos, a sustentabilidade deixou de ser um conceito complementar. Hoje, ela está integrada à própria operação do campo. O monitoramento de fauna, a preservação de áreas nativas, o controle hídrico e a redução do uso de defensivos integram uma nova visão sobre o golfe e sua relação com o meio ambiente.

No Campo Olímpico de Golfe, esse cuidado também se conecta à preservação ambiental da região. O campo se tornou exemplo de integração entre esporte, gestão técnica e conservação ecológica, mostrando que manter um gramado de alto rendimento exige muito mais do que estética: exige conhecimento, responsabilidade e planejamento contínuo.



FOTO: ARQUIVO RIO OGC



FOTO: ARQUIVO RIO OGC

Antes dos grandes torneios, os greens passam por um processo técnico conhecido como aeração, popularmente chamado pelas equipes de manutenção de “furação” do gramado. O procedimento remove parte da matéria orgânica acumulada abaixo da superfície, permitindo que o solo respire melhor e absorva novos nutrientes com mais eficiência.

Após essa etapa, é aplicada uma camada de areia especial utilizada em topdressing, rica em minerais e fundamental para melhorar a drenagem, o nivelamento e o desenvolvimento das raízes. Na sequência, entram correções químicas e nutricionais, com aplicação de elementos como ferro, calcário e outros compostos responsáveis pelo equilíbrio do pH e pela recuperação da saúde do gramado.

Durante o período de competição, o manejo se torna ainda mais preciso. Os greens recebem cortes frequentes para manter a altura extremamente baixa e uniforme, além da utilização de rolos específicos que aumentam a velocidade da bola sobre a superfície.



FOTO: ARQUIVO RIO OGC

Após os torneios e períodos de maior estresse da grama, inicia-se um trabalho de recuperação com novas aplicações de nutrientes e um topdressing mais fino para corrigir pequenas imperfeições causadas pelo uso intenso. Já nos tees e fairways, o processo inclui aeração do solo, limpeza dos resíduos retirados durante a furação, adubação e irrigação controlada, garantindo resistência, uniformidade e recuperação adequada do gramado ao longo da temporada.



FOTO: ARQUIVO RIO OGC

A manutenção de um campo de golfe representa um trabalho contínuo de precisão, conhecimento técnico e cuidado ambiental.

Cada detalhe do gramado reflete uma operação planejada para unir alta performance esportiva, sustentabilidade e preservação da qualidade técnica e ambiental do campo ao longo do tempo. ✦

COPA DO MUNDO DE 2026 ACENDE ALERTA CLIMÁTICO PARA ATLETAS E TORCEDORES

ESTUDO INTERNACIONAL APONTA RISCO ELEVADO DE CALOR EXTREMO DURANTE PARTIDAS NOS ESTADOS UNIDOS

POR: MICHELE SOARES

FONTE: O GLOBO

A Copa do Mundo de 2026 promete entrar para a história não apenas pelo tamanho inédito da competição, mas também pelos desafios climáticos que devem marcar o torneio.

Um levantamento recente do World Weather Attribution (WWA) aponta que cerca de 25% das partidas poderão ser disputadas em condições consideradas preocupantes para a saúde de jogadores e torcedores, acendendo um alerta sobre os impactos das mudanças climáticas no esporte mundial.

A análise utiliza o índice WBGT, indicador que mede o estresse térmico do corpo humano a

partir da combinação entre temperatura, umidade,

vento,

incidência solar

e cobertura de nuvens.

Segundo o estudo, diversas

partidas devem ocorrer

acima dos 26°C de WBGT,

faixa em que já há prejuízo

físico e aumento do risco

de exaustão térmica.

Em alguns casos, o

índice pode ultrapassar

os 28°C, considerado

inseguro para atividades

esportivas intensas.



FOTO: CHAT GPT



FOTO: ESPORTES.R7.COM/



FOTO:GETTY IMAGENS / TELE MUNDO

Miami aparece como a cidade mais crítica entre as sedes do torneio, seguida por regiões como Kansas City, Dallas e Houston. Mesmo em estádios climatizados, especialistas alertam que os riscos permanecem elevados fora das arenas, afetando diretamente milhares de torcedores expostos ao calor extremo durante deslocamentos e concentrações públicas.

A Fifa anunciou que todas as partidas terão pausas obrigatórias para hidratação em ambos os tempos. A medida busca minimizar os efeitos da exposição prolongada ao calor, que pode provocar câimbras, desidratação, fadiga extrema, insolação e até comprometimentos neurológicos.



FOTO: CHAT GPT

Mais do que um desafio esportivo, o alerta climático da Copa de 2026 revela como eventos globais já convivem diretamente com os efeitos do aquecimento do planeta. O futebol, acompanhado por bilhões de pessoas, passa a refletir uma discussão que ultrapassa os gramados e atinge infraestrutura urbana, saúde pública e adaptação climática.

Temas como planejamento ambiental, monitoramento climático e desenvolvimento de cidades mais resilientes deixam de ser debates futuros para se tornarem necessidades imediatas em diferentes setores da sociedade.



VIII ABERTO DO CAMPO OLÍMPICO 2026



Rio
Olympic Golf Course



by



Galapagos
CAPITAL



VIII ABERTO CAMPO OLÍMPICO DE GOLFE BY GALÁPAGOS CAPITAL

COMPETIÇÃO REUNIU ATLETAS DE DIFERENTES CATEGORIAS E REFORÇOU O PROTAGONISMO DO RIO NO CENÁRIO NACIONAL DO GOLFE

POR: MICHELE SOARES



FOTO: RIO OGC

Durante três dias, o Campo Olímpico de Golfe voltou a concentrar algumas das principais atenções do esporte no país. Entre 22 e 24 de maio, o VIII Aberto do Campo Olímpico by Galápagos Capital reuniu atletas de diferentes categorias em uma competição marcada por técnica, precisão e alto nível competitivo, consolidando mais uma vez o Rio de Janeiro como uma das principais referências do golfe brasileiro.

Válido para os rankings estadual, nacional e mundial, o torneio movimentou o calendário esportivo e transformou o Campo Olímpico em ponto de encontro de jogadores de diversas modalidades e amantes do esporte.

O campeonato reforçou a importância do espaço como palco permanente de grandes eventos ligados ao golfe nacional e internacional.



FOTO: RIO OGC

Ao longo das rodadas, o percurso exigiu estratégia e adaptação constante dos atletas. Greens rápidos, mudanças sutis de vento, a complexidade natural do campo e, inclusive, um Hole In One em um dos buracos mais desafiadores do Rio OGC elevaram o nível técnico da competição e desafiaram jogadores experientes e jovens talentos em ascensão. E o Campo Olímpico brilhou no pódio, com 9 golfistas celebrando vitórias em casa!

A edição de 2026 contou com o patrocínio principal da Galápagos Capital, companhia global de investimentos com atuação nas áreas de gestão patrimonial, asset management, investment banking e soluções financeiras estruturadas. Com presença internacional e forte atuação em setores estratégicos da economia, a empresa vem ampliando seu apoio a iniciativas ligadas ao esporte, à inovação e ao desenvolvimento de experiências de alto padrão.



O VIII Aberto reafirmou a capacidade do golfe de conectar performance, planejamento e ambiente. Em um campo que nasceu como legado olímpico e permanece ativo no cenário nacional, cada edição ajuda a manter viva uma estrutura que combina excelência esportiva, qualificação técnica e valorização de um dos espaços mais singulares do esporte brasileiro. ✨



FOTO: RIO OGC

